

COMPRAR



OS NOSSOS

*Semanario illustrado
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Cientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRCTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d' impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
 9 DE MARÇO DE 1908

CONDICÕES D'ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincia..... 300 rs.
 Colonias..... 400 „
 Brazil (moeda forte)..... 900 „

Numero AVULSO 20 REIS

Tiragem 6.000 exemplares.

OS NOSSOS

Ferreira do Amaral



Da velha barca do Estado
 E' agora timoneiro
 Quem bem alto tem provado
 Ser um bravo marinheiro
 No mar rijo e encapellado.

R. Xavier da Silva

Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

GRANDE DEPOSITO

MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

ARMAZEM DE MUSICA E INSTRUMENTOS

DE

Joaquim José d'Almeida

Rua José Antonio Serrano, 34—LISBOA
(Antiga C. do Collegio)

Vendas d'instrumentos, accessorios e musicas a prestações mensaes.

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clinica Geral—Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

R. S. Vicente á Guis, 22, 1.º

LUZ KITSON

Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica

Sem cheiro nem fumo, L. M. LILLY, successor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Retratos a Crayon a 2:000 réis

Carta a esta Redacção

RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DA PROVINCIA

Januario & Mourão

OURIVESARIA E JOALHARIA

Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brinde, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D.Lisboa.

PIANOS

A. NASCIMENTO

Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos e encordoções para pianos e harpas, etc., etc.

TRABALHOS GARANTIDOS

Travessa da Bica, 5 (ao Intendente)
LISBOA

Pharmacia do Instituto

Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, reccuatorio.

Rua Nova do Almada, 86 a 90

Em frente ao mesmo Instituto

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 réis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRAÇA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, RUA DA PALMA, 35

Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brinde

GATO PRETO

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

BICYCLETAS INGLEZAS
VENDAS A PRESTAÇÕES



CASA VELO-PORTUGAL
J. DA COSTA BRAGA-21, RUA MARIA, 23 LISBOA

BICYCLETAS DAS MAIS MODESTAS AS DE MAIOR LUXO POR PREÇOS RASOAVEIS
ARRANJADOS E REPARADOS
SUCCESOR DE CRISTO E ALVAREZ - FIANÇA YOUSORNO FALGOUTE, CAMPO GRANDE

A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR

A bicycleta ingleza, de 1.ª ordem que, sob a denominação de "VELO-PORTUGAL" vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de fórma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclista que o ignore.

Ninguém imita artigos sem reputação.

O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, tem centenaes d'imitadores.

Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficará verdadeiramente surprehendido.

Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a vêr mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa.

Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubemos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

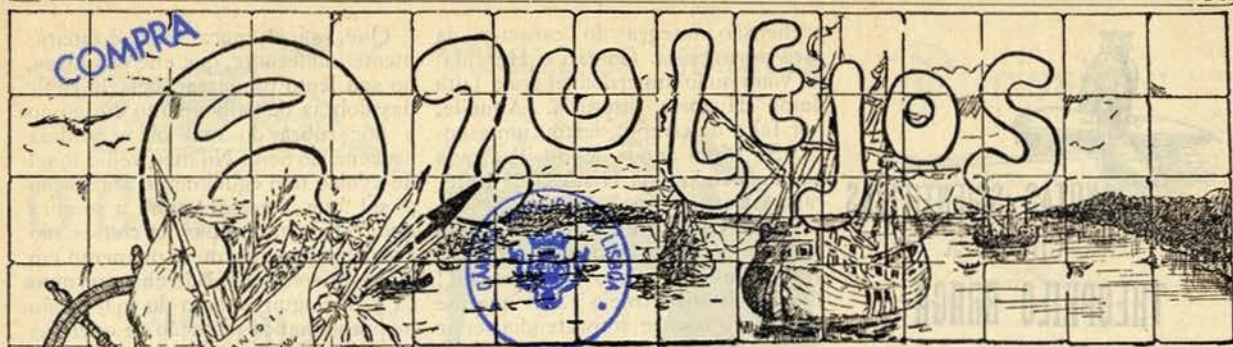
Bicycletes das mais modestas ás de maior luxo por preços rasoaveis.

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De re-to todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferencia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos esphahafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder supernatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.



COMPRA

O ZOLLEO

CANTO I

A invenção do Polyphemo
 A descoberta do fogo
 A descoberta do dinheiro
 A descoberta da agricultura
 A descoberta da escrita
 A descoberta da imprensa
 A descoberta da electricidade
 A descoberta da radio
 A descoberta da aviação
 A descoberta da aviação

Tiragem 6.000 exemplares.

*Semanario illustrado
 de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
9 DE MARÇO DE 1908

Condições d'assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs.
 Colonias..... 400 •
 Brazil (moeda forte)..... 900 •

NUMERO AVULSO 20 REIS



**CHÁ...
 E TORRADAS**



durante a minha vida que, infelizmente, já vae longa, tem-me acontecido cousas verdadeiramente extraordinarias. Conta-las todas seria tarefa superior ás forças d'um Polyphemo, quanto mais ás d'um mortal vulgar de Linneu.

Algumas ha, porém, que vale a pena mencionar.

Ha muitos annos foi para a provincia d'Angola, onde lhe haviam deixado uma propriedade importante um primo meu. Um anno depois de ali estar, escreveu-me uma carta, dizendo-me que, no mesmo paquete e entregue aos cuidados d'um empregado da casa, vinha um macaco que me offerecia, o qual, certamente, me agradaria, attenta a mania que eu tinha de gostar de animaes.

Recebi o bicho e na verdade era um quadrumano interessantissimo. Vivo e esperto, como poucos, era de inexcédivel mansidão, mas como acontece quasi sempre, quando os animaes são bons, uns seis mezes depois de ter chegado, o inverno matou-o. Tive verdadeiro desgosto e escrevi para Angola contando o caso.

Em resposta, meu primo, dizia-me que era muito facil mandar-me outro macaquinho, pois eram ali vulgares, e faceis de apanhar, por ser a raca muito mansa.

Nos primeiros dias estava decido a mandar-lhe dizer que não queria mais macacos, mas um amigo meu, que era tambem doido pelos monos, influui-me e accrescentou até que, se viesse um tambem para elle, muito agradeceria.

Escrevi pelo primeiro paquete e tratei de contar a meu primo o que se passava, rogando-lhe que, desejando muito satisfazer o pedido do meu amigo, me mandasse 1 ou 2 macacos.

Passaram-se uns quatro mezes sem obter resposta alguma, e já quasi estava convencido de que não havia sido satisfeito o meu pedido, quando uma bella manhã recebo carta de meu primo e n'uns termos que me deixaram surprehendido.

Dizia-me elle que, a demora na resposta, fôra motivada pela difficuldade de satisfazer por completo ao meu pedido, mas que com boa vontade sempre o tinha conseguido e que os macacos me seriam entregues, pois se encarregára de os vigiar durante a viagem um sujeito residente em Loanda que regressava á metropole.

Não percebi nada, e por mais voltas que desse ao miolo não comprehendia como se tornára difficil o que me affiançara ser extremamente facil. Esperei os acontecimentos.

Imaginem porém a minha surpresa quando, no dia seguinte, pouco depois de ter acabado de almoçar, batem á porta e vem a creada dizer-me:

— O' sr. Pacifico, estão ali uns homens que trazem esta carta e uma grande gaiola com macacos.

Abri a carta e li boquiaberto:

«ahi vão pois os 102 macacos que me pediste e como deves calcular não foi das cousas mais faceis apanhar esse batalhão d'elles».....

— Cento e dois macacos! Está doido! Que diabo vou eu fazer a toda esta macacaria?

Fui á porta e effectivamente n'uma gaiola de formidaveis dimensões vi um bando de macacos, saltando e guinchando e já rodeados por toda a garotada do sitio que excitava os desgraçados, causando macacaria e rapazes um barulho de ensurdecer.

Não tive remedio senão ficar com os macacos, mas como a gaiola não cabia pelas portas era quasi noite quando concluiu a faina de os meter em casa.

Mas o que ia eu fazer a tantos macacos? E note-se que ao conta-los achei não 102, mas 114, porque no caminho havia nascido mais uma dusia de *meninos*.

Não houve uma só pessoa das minhas relações que ficasse sem casal de macaquinhos e o meu amigo que fôra o involuntario causador da remessa apanhou meia dusia de casaes para distribuir pelas pessoas do seu conhecimento.

Precisava porem da chave do enigma e, perguntei para Angola, como se dera o caso de virem 102 macacos em vez de 1 ou 2 como tinha pedido. O meu primo devolveu-me a carta em que lhe fizera a encomenda e li com espanto que havia escripto:

«Manda-me 1 ó 2 macacos logo que tens occasião...»

A orthographia sonica tem ás vezes d'estes inconvenientes.

JOÃO PACIFICO.



Já meio-século completa a evolução mental de Theophilo Braga. Cincoenta annos de estudo e de progresso. Num fanatismo irrefreado pela Sciencia, emendando, corrigindo sempre, numa febre crescente de perfeição ora synthetica na recomposição dum Gil, Camões ou dum Garrett, ora analytica na autopsia a uma epoca, T. Braga vibra todo: é um hypernervoso que se apaga na obra, avulta nas conferencias, resalta nas preleções. Escreve um, dois, três volumes sobre o mesmo assumpto: o horizonte cada vez se alarga mais: as conclusões são cada vez mais firmes. Mas nem por isso descansa! corrigir, corrigir sempre! E' um desbravar incessante em todos os campos. Ainda ha pouco chamaram-lhe polygrapho: desvirtuaram-lhe a feição synthetica de toda a sua elaboração mental. Construir! construir!

Da sua tão ampla acção, vejamos a feição nacional: Em T. Braga unem-se os tres artistas: o poeta, o philosopho, e o historiador. Mas estes tres valores, longe de se estremarem, integram-se, unificam-se, caminham e progredem parallelamente. Um mesmo Ideal os anima e une. Assim, vem o poeta philosopho e canta a «Alma Portuguesa». Como Camões fez vibrar o «Ethos», o sentimento nacional nos Luziadas assim T. Braga, identificando-se elle proprio com a Alma Portuguesa, alça sobre as nossas tradições quadros como o S. Frei Gil e Viriatho e dramas como o Gomes Freires.

O exame das tradições acabára com Garrett. Os discipulos encarregaram-se de inutilisar a semente que o mestre lançara á terra. Ninguém mais pensou em tradições:

A propria rehabilitação de Garrett só foi feita por T. Braga.¹

Vem depois o historiador litterario como virá o historiador nacional. T. Braga traça e perfaz todo esse gigantesco plano da «Historia da Litteratura Portuguesa», applicando o methodo comparativo. O que havia até ahi? As relações syncréticas e sem criterio de Freire de Carvalho ou mesmo de Bouterwek? A'quelle faltava philosophia e saber, a este com-

preensão integra do character da raça portugueza. Garrett e Herculeso viam quão imperdoavel era a falta duma Historia litteraria. Aquelle, por falta de tempo, deixou um esboço. Só trinta annos depois T. Braga nos foi dando uma Historia da Litteratura Portuguesa.

E no entanto este homem, como todo o luctador independente era atacado e depreciado em Portugal! Era-lhe hostile o meio? Mas que lhe importava isso se só pretendia servir um Ideal? A elle só cabem as palavras de Lauson a Renan: «Et d'abord Renan n'a séparé la théorie de la pratique: si aisément que l'on n'y fait pas attention, Renan a conformé sa vie à sa croyance. Il a agi, plus que bien d'autres qui se sont bruyamment agités. Toute sa vie de savant, d'écrivain, d'homme de cabinet, est le resultat d'un acte, d'un acte volontaire et libre qui représente une belle dépense d'énergie. Il a pris la voie dure, perilleuse, incertaine, au lieu de la voie facile. Cet acte suffit à sa vie».

O dia d'hoje é o dia de triumpho do trabalhador! Só, sem auxilios, avançou, atacado luctou, guerreado venceu! Mas por isso que soffreu nos baldões da vida, a sua obra vem para nós com o cunho de uma indomavel energia, de um apego ferrenho pela Idea. E se ainda hoje vissemos os que sempre, atravez de tudo, o perseguiram, esses veriam quão inutil foi seu esforço: como cegos obraram.

T. Braga tem na sua vida um poema: fez della uma obra d'arte.

24 de Fevereiro de 1908.

JOÃO DE MAGALHÃES COLLAÇO.

ESPIRITISMO

Comunicação obtida pelo Ex.^{mo} Sr. Fernando de Lacerda e attribuida a EÇA QUEIROZ.

(Do Paiz da Luz)

Extraímos do livro *Do Paiz da Luz*, recentemente publicado, vasto repositório de bellos trechos genuinamente portuguezes, obtidos pelo *medium* escrevente Fernando de Lacerda e apresentados como sendo dos nossos principaes homens de letras já fallecidos, o escripto que hoje submettemos a vossa esclarecida apreciação.

Diz-se de Eça de Queiroz e foi obtido á meia noite de 31 de dezembro do anno do 1906.

Está a exhalar o ultimo alento o anno de 1906.

D'aqui a horas terá entrado no largo collapsio da historia, o anno que me aproximou de ti. Para mim constituiu isso n'elle uma boa recordação, e motivo para lhe perdoar de bom grado quanto de mau e de idiota elle semeou pela terra.

Que, afinal, para mim é inteiramente indifferente, que elle ou outros, no seu lento prepassar, deixem cahir das dobras do velho manto do tempo a flôr rubra do mal ou a candida açucena do bem. No meu velho tonel de cynico tem egualmente acceitação o sol que aquece, como a sombra que refresca. Ambas as cousas são excellentes, conforme o momento em que as apeteçomos. Não chegarei nunca a distinguir o bem do mal senão na problematica intenção de quem as pratica.

E' innegavel que o sol não deixa de ser um bem no mundo; mas não deixa de ser uma refulgente verdade, que quem o aguente a pé firme, á torreira, por horas successivas, maldirá esse bem, para bemdizer o frio dos brumosos dias de dezembro.

Tive na vida muitas e demoradas occasiões de ver quanto é relativo todo o facto subjetivo. Não ha melhor laboratorio de estudo que a nossa propria vida. Olhando para ella como para um poço escancarado, vamos encontrar-lhe exemplos da vida de toda a gente; diferenciando-se tão sómente na coloração ou na intensidade.

Facto que para um affectivo constitue uma dôr sem limites, afogado em lagrimas e esmaltado de exclamações doloridas, como uma fatia de paio esmaltada de ervilhas verdes de conserveiro, para um fleumatico equivale a um ligeiro accidente, sómente digno de reparo, porque veio quebrar a monotonia da sua vida, com um aspecto eventual e novo.

Ora o facto é o mesmo; o modo de apreciar-o é que é diverso.

Assim o bem e o mal, para cada pessoa a quem elles veem, tem o aspecto com que cada qual os encara. Habituei-me a pensar assim.

Talvez que por isso mesmo não conheça as grandes intensidades na dôr ou na felicidade.

Organisação temperada, uma especie de Nice humana, entre o clima torrido do enthusiasmo e o glacial da indifferença — sem contrastes mas sem desequilibrios.

Não desgrenhava a gafurina, nem avermelhava os olhos em manifestações convulsivas de dôr brava; mas tambem não escancarava a bocca, nem comprimia o ventre nas ruidosas convulsões de um riso epileptico. Fiquei-me no meio termo; n'aquillo em que reside a virtude dos latinos.

Assim a serenidade raramente me abandonava ou abandona.

N'este bello estado de alma, em que chego a perguntar a mim proprio se o illustre frei João Sem Cuidados da anecdota entroncaria em algum dos rebentos da minha arvore geneologica, debes comprehender á maravilha, a indifferença com que, mesmo quando n'esse mundo, me deitava á noite em uma phase convencional do tempo e me levantava em outra.

(Continúa).

¹ Nos vol. «Garrett e o Romantismo» e «Garrett e os Dramas Romanticos».



O Crime

"Dellard"

GORON

(Continuação)

— «O snr, disse Gévelot, deve sentir neste momento um enorme remorso a minar-lhe a alma. Confesse, confesse o delito e verá a consolação que experimenta.

Anastay escutou-o com deferencia e sem indignação; quando Gévelot acabou de falar, disse-lhe:

— «Snr. Gevelot, afirmo-lhe que estou inocente!

Gévelot saiu triste e desalentado: nessa ocasião experimentei uma das mais penosas impressões que em minha vida tenho sentido. Anastay, como se fôra uma creatura quase inconsciente, começou de conversar comigo a respeito da espingarda Lebel e das vantagens desta arma para o exercito francês! Dir-se-hia que houvera completamente esquecido o crime e as terríveis consequências da tremenda acusação que lhe pesava sobre a cabeça. Aquêlê dialogo que, para pessoas alheias á instrução de processos crimes, revelaria grande firmeza d'animo do acusado, indicava-me, a mim, habituado a lidar com criminosos, uma fraqueza d'espirito a toda a prova. Apartei-me d'Anastay, aborrecido e triste.

Chamei novamente Barbaste!

— «E' necessario que o homem confesse, gritei quase colérico.

— «Hade confessar, meu chefe, murmurou Barbaste serenamente, e sorrindo fina e ironicamente, continuou entre dentes:

— «A carne dura tambem se mastiga.

Este aforismo de Barbaste parece-me ser duma verdade incontestavel porque, três horas depois, o agente entrava no meu gabinete e dizia-me, não sem fazer primeiro a continencia da ordem:

— «Abriu-se a torneira?»

— «Que torneira?»

— «A da boca do homem!»

— «Confessou?»

— «Ora! Foi umas *natas*! Despejou o barril!»

— «Mas que diabo fez você para o obri-gar a falar?»

— «Manhas de *bufo*, meu chefe.» E não houve meio de o obrigar a mostrar a gazua com que tinha aberto aquêla fechadura.

Anastay dissêra a Barbaste que desejava falar-me. Ordenei que o fôsse buscar.

Quando entrou, dirigiu-se logo a mim e disse-me serenamente:

— «Final, depois de pensar maduramente, vejo que o melhor e o mais simples é dizer a verdade, desejo porem falar na presença de Mr. Gévelot.

Mandei immediatamente procurar o deputado pelo Orne.

Em quanto esperávamos impacientemente a sua chegada, Anastay, que não se afastou de mim um só momento, falou de mil coisas diversas, excepto do seu crime. Dissertou sobre polvoras de guerra, probabilidades de guerra com o estrangeiro, criticou peças de teatro, etc, etc, e disse-me tudo com tal serenidade e paz d'espirito, como se nada de extraordinario se estivesse passando na sua vida: era como que nem ao menos refletisse na gravidade da confissão

Mascaras illustres



D. João da Camara

que ia sair-lhe dos labios e cair-lhe sobre a cabeça.

Mas tudo tem um fim, e a animosa conduta de Anastay faleceu tambem.

Ao vêr entrar Mr. Gévelot, levantou-se, quiz caminhar, para elle, mas as pernas fraquejaram-lhe o desgraçado caiu pesadamente na cadeira, com a cabeça entre as mãos e afogado em pranto.

— «Anastay, disse Mr. Gévelot, pediu para me falar? Que tem a dizer-me?

— «Que sou um miseravel, sim, um miseravel, um assassino, fui eu... fui eu... exclamou Anastay soluçando.

De repente levantou-se e fazendo um gesto tragico, exclamou:

— «Ah! Os Snr. não sabem, não podem imaginar que horrivel coisa é ter assassinado do alguém!

Em seguida a esta explosão de remorso, serenou um pouco e continuou, triste e comovido:

— «Snr. Gévelot, peço-lhe perdão... imploro tambem ao Snr. Dellard me perdoe o crime que cometi.

Depois de proferidas estas palavras, socce-gou completamente e contou com imperturbavel tranquillidade todos os pormenores do assassinio.

— «Sou um desgraçado! O meu procedimento pouco correcto, enorme quantidade de dividas de que estava crivado e o desejo louco e insaciavel dos prazeres, obrigaram a junta moral, a que fui presente, a dar-me a reforma; fiquei com um soldo insignificante: ninguem me dava trabalho, desconfiavam de mim, repudiavam-me: no entanto, queria dinheiro, necessitava d'êlê!

«Começou então a germinar-me no cerebro a idéa do roubo; em seguida a do assassinio.

«Lembrei-me de Mr. Dellard... e de tantos e tão assinalados serviços que me prestára; estive quase a implorar de novo a sua valiosa protecção, mas o demónio tirou-me esta boa idéa da cabeça. De repente, entrevi, como num sonho, a casa da rua das Filhas do Calvário, a baronêza e a velha Caboret. «Recordei-me da riqueza de M^{me} Dellard, lembrei-me que naquêla casa existiam objectos de alto preço, joias de valor, papeis de credito, pratas e dinheiro!

«Se fôsse tór com a baronêza?

«Implorar-lhe soccorros?...

Purissima

Deolinda

Anjos da perdição! Dahlias morenas
Beije os vossos labios no bordel!
Amei a corrupção! — Chagas, gangrenas,
Vulcões de lepra com marés de fél

Eu não vos quero mal pela desgraça
Rainhas do prazer no vosso polintha!
Por vós bebi a dôr em negra taça
Amarga como um calix de absintho

Hoje na luz purissima d'um sol,
— A luz do teu olhar — lindo crysol,
Espadanando jactos de flamejos

Purifiquei o coração, Amor!...
Depois de tanta magua, tanta dor
Dá-me os teus labios p'ra cobrir de beijos

EDUARDO METZNER

A nossa Estante

Do Paiz da Luz. — Communicações attribuidas aos Espiritos de Escri-tôres celebres e d'outras personagens conhecidas, obtidas pelo *medium* Fernando de Lacerda.

Fernando de Lacerda, cuja honestidade pessoal é geralmente reconhecida e reputada intangivel, homem probo, inteligente, medianamente culto e pouco lido em assuntos de litteratura e de sciencia, vem dizêr-nos, e forçoso é que o acreditemos, por termos sido varias vèzes testemunha da sua maneira d'operar, que, mercê duma especialissima qualidade que em si proprio reconhece e que só pela hipotese espirita pode explicar, recebe, escrevendo, communicações de pessoas que, tendo deixado de existir sobre a terra, desejam demonstrar que a vida não acaba com a morte do corpo e que o pensamento, a consciencia, o espirito, a alma emfim constituem uma energia especial e imperecivel que sobrevive á materia putrefacta e vae, no alem-tumulo, continuar a sua purificação moral atravez a Eternidade!

Quem lêr com atenção o bêlo livro de que nos occupamos dirá, ao terminar a deliciosa leitura e não querendo mentir a si proprio que, ou Fernando de Lacerda é o literato de maior vulto que até hõje tem apparecido, ou o espiritismo é uma verdade incontestavel!

Não nos parece que até hõje tenha apparecido cerebração de tal potencia intellectual que pudesse estudar, aprender, assimilar, as idéas fillosóficas, as psicologias e os estilos de tantos e tantos homens celebres na sciencia, na philosophia, na litteratura, de modo tal que pudesse depois, nos seus escritos, moldar, na sua personalidade, a *maneira* especial e exacta de cada um d'esses individuos.

(Continua)

Ora no livro de que vamos falando, cada escrito, cada carta, cada comunicação tem o feitiço, a maneira, o *cachet*, daquêles que se presume tê-la elaborado e transmitido ao nosso conhecimento por intermedio do Lacerda.

Por mais que os criticos queiram, a beneficio de ironica benevolencia ou de amarga troça, destruir a obra enorme que se levanta tendo por alcerce um modesto volume de tresentas paginas, o facto é que são dos mais frageis os argumentos de que dispõem: um sorriso ou uma gargalhada!

E' pouco e fraco armamento para combater uma idéa que s'impõe como a propria verdade!

Encastelados no seu solar de ideas preconcebidas, com os dentes ferrados numas coisas que lhes ensinaram e que o desmedido orgulho lhes aponta como insuscetiveis de serem mudadas por ábsurdas e obnoxias, os homens de hõje, a maioria dêles pêlo mênos, estão cegos, não porque haja falta de luz em torno dêles, não porque as suas inteligencias não distingam claramente a luz da Verdade e do Progresso, mas tão sómente porque fecham os olhos para não verem!

! Ou esses que combateram os velhos dogmas teologicos e que logo, como o peixe, morreram pela bõca arvorando e proclamando o dogma do *materialismo*, teem medo que os cegue a luz da Verdade?

Fechem os olhos, fechem, mas, pelo amor de Deus, não os abram mais!

A Fernando Lacerda num abraço fraternal desejamos dar-lhe animoso incitamento para continuar a sua nobre missão.

Sempre triste!

Sempre de negro trajada
a vejo, sempre tão triste,
parece que nada existe
que a possa alegre tornar!
Tão nova ainda, coitada,
sempre de lucto, e tão linda,
que pezar, que dor infinda
a faz, coitada, penar!

Da vida, na madrugada,
quando sorrir-lhe devia
uma esperança, — que ironia —
eil-a envolta em negras côres!
Pobresita, malfadada
foi a hora em que nasceu,
que má sina Deus lhe deu,
em vez de alegrias, dôres!

Por companhia a saudade,
sempre a tristeza a seu lado,
o olhar triste, amargurado,
poisando sempre no chão!
Céo sempre de escuridade,
nunca de luz uma aurora,
em vez de sorrisos, chora,
sempre triste o coração!

Sempre triste, melhor fora
quando ainda ercis menina
terdes ido, em pequenina,
morar no reino dos Céus!
Em vez das máguas d'agora
quanto seria melhor
vivêr lá, junto ao Senhor
ser um anjinho de Deus!

H. A. BACELLAR

Rubra Digitalis

Tentação de S.^{to} Antonio ¹

Vae-te visão ou sonho... ó Venus Aphro-
dita
De espaldas cõr da neve e pubis de carvão
O' luxuria da carne! O' ignea Sulamita
Que és a raiz do Mal e a maçã-tentação!

Deixa-me só... faz frio!... e eu quero-me
esquecer
Dos gosos mundiaes, (e até de mim também!)
Quero ungrir-me de Deus — o mais perfeito
ser
E scismar qual rabbi nos mysterios do Alem!

Deixa-me em paz, mulher immensamente
bella,
Meu corpinho gentil virgem dos beijos meus
E por quem minha carne abrasa e se flagella...

Tudo isto é transitorio, ó illusão primeira!
Por isso espera e crê... Hei de pedir a
Deus
Para noivar no ceu, contigo, já caveira!

O amante morto

Cantigas do triste fado
Bemditas pelo Senhor...
R. de Carvalho.

—«E' sina minha, vê, é triste a minha sina...
Lá foi o meu amante para o Ceu morar...
Ai como o fado é bom, que deixa á pobre-
sinha
Vinho para esquecer, lyra para chorar!

Hei de morrer, eu sei... já tysicsa, fraqui-
nha,
Que importa a vida, a vida é rir, é só fol-
gar...
Venha a orgia da carne, o vício que defi-
nha...
Ninguem quero ver triste, eh! toca a gar-
galhar!

Vá! Salta o vinho tinto! Esse meio litro
cheio!
Deem-me esse guitarra, a que era o seu
enleio,
E vamos a cantar o fado e á desgarrar!

Bebeu se até cahir n'aquelle alcouce reles;
E quando pelo chão roncavam todos elles,
Ella então começou chorando na guitarra!

ASTRIGILDO CHAVES.

Pensamentos

O dever é para alguns uma camisola de
forças

CARMEN SYLVIA

Uma mulher intelligente deve aprender
cedo a envelhecer

M.^{me} DE SEVIGNÉ

CURIOSIDADES

Maximas indianas — Não te liguês com o
mau: os tições ou queimam ou enegrecem.

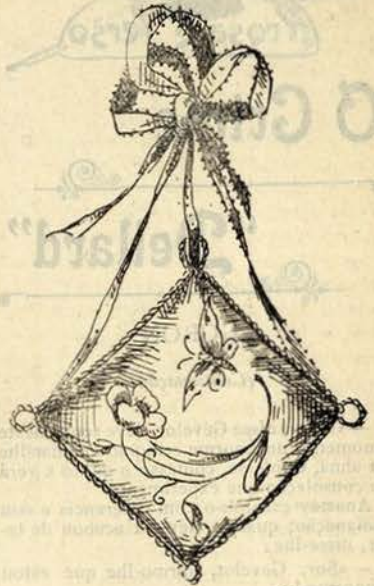
— O mau que tem sabedoria é uma vibora
com a cabeça armada de pedras preciosas.

— A vida do homem na terra parece uma
viagem feita no decurso d'uma noite.

— A verdade é a flor da sciencia

¹ Por ter saído mutilado é publicado de novo

BORDADOS E RENDAS



CÉO BEÇA

Dolor

(A' memoria de minha mãe)

N'um impeto feroz, a Morte prematura
Roubou-me um Santo Amôr,
Abriu no peito meu a chaga da Amargura,
De cruciante dôr.

Roubou-me o teu carinho, ó mãe idolatrada,
Feriu meu coração!
Lançou teu corpo inerte ás regiões do Nada!
Materia em podridão!

E enquanto o corpo teu em lentas combus-
tões,
Regula a Natureza,
Eu sinto o naufragar das minhas illusões
N'um pégo de tristeza!

LX.^o 19 - Fev.^o - 908

MAC-ILLERNO.

JURAMENTO

Talvez a esta hora, entristecida,
Juizes de mim um perfido, infiel;
Talvez dos zellos, pallida e sentida,
Tu proves n'este instante o amargo fel.

Talvez agora, a fé desvanecida,
Ultrages o teu languido donzel...
Aquelle que jurou por toda a vida
Ser sempre para ti o mais fiel.

Mas não! Sê justa e crê: por nosso amor,
Eu juro á fé de todo o sentimento:
Não colhi nunca d'outro labio a flor

E embora o tempo me decorra lento
Heide querer-te sempre com ardor
Enquanto me restar um froixo alento!

VICTORINO SILVA.

RINDO E CHORANDO...

Cartas á prima

I

Querida Maria Rosa :

Mais uma das tuas deliciosas cartinhas, traçadas no estylo laconico, desataviado e ingenuo que te é peculiar, veio por instantes alijar um pouco a minha profunda neurasthenia e dar nesgas á violenta força da mão de ferro que me amarfanha a alma.

A custo poderás comprehender como d'essa minuscula terriola de Traz-Os Montes, fria e escura como bocca de lobo, possam chegar-me por teu intermedio umas farripas de sol quente e bemfazejo; consola te, porém, em observares que n'este mundo as coizas mais de todos os dias, as mais palpaveis e banaes, aquellas que comem connosco á mesa, são exactamente as mais inexplicaveis.

Acredita que te não minto : ri por espaços ao estudar a astucia — bella arte da mulher — com que procuras desentarmelar a minha afiada lingua ácerca d'esta especie de Carnaval, que, felizmente, gallopou na voragem d'umas 72 horas.

Pois seja; vamos ao cavaco.

Estou rabiscando á meia noite de terça-feira gorda. Agora mesmo acaba de esticar o pernil o inveterado alcoolico e nojento paspalhão, a quem por suprema ironia alcunharam de Entrudo, quando afinal muito bem podia ter sido a Semana Santa, um santo Antonio, uma chegada d'um rei de Cascos-de-Rolha ou um enterro d'um grande triumpho politico.

Coitado! O doente estava tão fraquinho e transparente que, ao tomar conta d'elle, previ logo mais uma certidão d'obito. Não é de pasmal. Desde que ha uns annos uns pseudo clinicos progressivos, d'estes piolhos ladros metediços por todas as costuras, começaram, sem ninguem lhes encõmmendar o sermão, a fazer-lhe o tratamento pela hygiene e sangria, a mascararem-no de barão... do Regabofe, logo o coração me deu um baque, pronuncio fatal da emminente desgraça.

Foi um grande erro de therapeutic e a prova mais cathorica da ignorancia physiologica dos aparelhos respiratorio e digestivo do pobre morto actual.

Elle, o bruto de nascença, que toda a sua vida tinha inspirado fedores e poeiras de pimenta e farinha; Elle, o pimpolho querido da Santa Liberdade, affeito apenas aos

Portugal pittoresco



Um grupo d'Alemtejanos

manjares cosinhados com ovos podres, tremçoço, laranginha e lama, ver-se então obrigado, do pé para a mão, a respirar os estonteantes perfumes das flores e a mastigar bonbons e amendoas! Era uma grande bota dos taes senhores.

E depois fazerem da Avenida da Liberdade — vê lá tu a blasphemia e o cumulo — uma gaiola d'arame, enfermaria esta dependurada ao pescoço da tal Caridade — Réclamo, que empresta um pataco, e recebe quatro vintens, onde o misero foi enclausurado, sendo-lhe apenas consentida a cara visita dos nobres e dinheirosos?

Os nobres que foram seus ferrenhos inimigos desde a nascença e a quem sempre chicoteou?

Estavam todos doidos e elle, o eterno maluco, foi o unico que teve juizo : refilou.

Sim. Vendo-se preso, amordaçado e com policia á vista, agitou se, barafustou, deu com paus e pedras mas... o esforço inutilizou-lhe a saude e não

poude ver realisada a sua aspiração.

Então, vendo-se injuriado, resolveu afogar a magua n'um oceano de vinho, esabendo que tinha de pagar o divertimento por bom preço, deu em pedir esmola, convertendo-se n'um bebedor e explorador maltrapilho que jurou envergonhar-nos aos olhos do estrangeiro.

.....

Emfim, expirou o triste!

Não houve excitante capaz de levantar-lhe o coração; tudo foi baldado.

Na hora extrema correu alucinado á Avenida e ao Chiado e pagou com a vida tão grande asneira : morreu a uma esquina como um lebreu sem dono ! Coitado!

Como o julguei perigoso para a saude publica, ordenei que o enterro se fizesse em curto prazo de tempo.

O caixão ia lindamente enfeitado com saquinhos de trapo velho e sujo, umas violetas sedijas, nabos alface e chicorea, á falta d'outras flores que mesmo meladas são carinhas.

Resa por elle, querida prima!

Adeus! A commoção embarga-me os bicos do aparato.

Saudades á tia. Até breve.

Teu primo

LAMPARINA.

NO SUL D'AFRICA

NOTAS DA CAMPANHA DE 1907

PELO ALFÈRES

José Augusto de Mello Vieira

VII

A's 4 horas da manhã começaram os preparativos de marcha, distribuiu-se a aguardente ás praças e as 5^{1/2} a columna iniciava o movimento. Logo de principio o inimigo começou o fogo fazendo-nos frente com bastante coragem. O circulo em que nos envolviam ia apertando gradualmente, e sentiamos já de muito perto os effeitos dos seus tiros. Uma carga a tempo afastou-os permitindo-nos mais amplos movimentos.

A certa altura a intensidade do fogo foi abrandando sem nunca desaparecer porém, avistamos as *cacimbas* do sóba, ou melher um verdejante massico d'arvores que Calipalula, de mão muito aberta e agitada verticalmente de cima para baixo, (o seu modo d'apontar) baptisou logo com o nome de Inhóca.

Atravéz d'Africa



Estrada no valle do Chimezi

N'este momento o fogo augmentou mas nós nem o sentiamos estava ali agua, verdadeira agua, em grandes lagóas, diziam, a riqueza da região. A conquista d'aquelle bocado mais representava para nós muitissimo. Tinha de fazer-se. O commando dá ordem de cargar, a face da frente, o 12 e a marinha de bayoneta em riste avançam resolutamente ao assalto, as outras faces do quadrado seguem a carga na sua formação de marcha, os cuamatas, que se tinham escondido nas *cacimbas*, certamente para tentarem algum golpe diabolico, fogem espavoridos em frente dos nossos, os auxiliares, para prestarem mais um auxilio, sahem do quadrado e vão collocar-se para lá dos soldados, o inimigo fuzila-nos de entre o capim e apesar de já extenuados é preciso que os homens avancem mais para se fazer a perseguição activa pelo fogo que d'ali mercê do auxilio, se não pôde executar. Assim se faz. Estabelecido o bivaque com as *cacimbas* no meio onde a agua abundava, os nossos homens acto continuo começaram a pesca que bastante productiva foi. Bebeu-se agua e não faltou, ainda ficou agua. Nesta marcha morreu o alferes da companhia de guerra Augusto Maria, um sargento da mesma e 3 praças de diversas unidades. As baixas totaes foram 9. Durante o dia para sudoeste uma fumaceira densa prendeu as atenções. O que seria?

Segundo a ordem, distribuido o rancho frio, a columna marcharia no dia seguinte, 22, para a embala que devia tomar. Todos faziam conjecturas ácerca da formidável defeza que teriamos de vencer e das difficuldades da conquista da fortaleza do Cuamato. Eram descontradissimas as versões, que havia fôso em volta do cercado, que havia altos parapeitos bem guardados, que iam ter que nos bater com o Ovampo em peso, que ninguem nos esperaria e pensando em tudo isto esperávamos anciosamente o dia seguinte.

Às 4¹/₂ da manhã começamos a percorrer os 4 kilometros em que tinham avaliado a distancia da Inhocá á embala. Durante quatro longas horas caminhámos sem cessar por entre densos mattos, extensas chanas sempre sem um unico tiro. Onde estaria o inimigo? Fugiria? A unica manifestação guerreira dos cuamatas foi tentarem deitar-nos fogo ao comboio cercando-nos de chamas de que a custo nos livrámos. As libatas dos *lengas* e *séculos* que encontrámos e até mesmo a d'uma mulher do soba tudo incendiámos. Negros nem um. Estavamos maravilhados de tal silencio. Que pensar d'isto?

Mais um bocado de marcha e avistámos ao longe umas palmeiras, muita verdura, um oasis no meio d'aquelle deserto.

Mugôgo — diz Calipalula, a embala repetem os que lhe ficam proximos. Ao longe erguia-se uma alta paliçada. Ahi estava concentrado o inimigo, era voz corrente. A artilharia come-

çou o seu fogo certo, nada, não respondiam. Mais uns tiros e o commandante manda avançar. As faces da direita e esquerda avançando sempre vem constituir com o da frente um colchete offensivo. Arma se bayoneta, soam as cornetas e aquella muralha de homens atira-se como loucos ao assalto. Arrancam-se os paus de vedação, abrem-se bréchas aqui e ali e n'um momento todos estão dentro do recinto da embala.

Avança-se ao segundo recinto esperando o contra-ataque dos negros e nada. Porquê? Avança-se sempre e vai-se dar com a aldeia completamente carbonizada, uma ruina! Nos escombros bastantes despojos de 904, uma espada d'official, uma corneta, estribos, espingardas etc. e bastantes machinas de embalar, fabricar cartuchos, um verdadeiro arsenal.

O esquadrão e auxiliares percorriam no entanto o exterior do enorme recinto e nada encontraram de suspeito.

A tarde fez-se uma prisioneira, mulher do ultimo sóba, que explicou como fôra o fogo: A tomada da Inhocá á bayoneta, aquella carga; elles ahi vêm não tarda nada, já se ouvem, uma fuga precipitada, uma panela de pirão que tomba, o fogo pegando ao capim das cubatas e eis tudo em cinzas. Um acaso. O sóba nunca deita fogo á sua embala, com a destruição d'ella cahe o seu poder, e n'estas simples palavras, que de terror pelos nossos valentes soldados!

Tinhamos levado 26 dias a percorrer a distancia do forte Roçadas á embala, uns 60 kilometros.

A tarde a convite do commandante da columna reuniram os officiaes e bebeu-se uma taça de champagne.

O bivaque fez-se fôra da embala n'um sitio lindo, perto d'umas boas e enormes *cacimbas*. De tarde e á noite choveu torrencialmente. Tudo se alagou.

Continúa

CLARISSE

(Continuação)

V

O major chegou justamente quando o *Parisiense* largava. Tinha encontrado no café um antigo camarada que ia tambem para Brest e, apenas appareceram no tombadilho, desapareceram logo na camara, para continuar sem duvida, com acompanhamento d'algumas bebidas, as maravilhosas narrações começadas. Vendo o grão de animação que tinham atingido quando passaram junto de nós fallando do incendio de Moscow, alguem que não conhecesse como eu os recursos bachicos do major, poderia recear um desastre no Beresina. Ficámos, pois, sós, a menina de Gavre eu, ou antes isolados, no meio d'uns seis viajantes e entre estes no-

tei apenas um moço abba de muito corado, a quem a leitura encarnicada do breviario não defendia sufficientemente dos assaltos dados pelos olhares de uma senhora nova que teria sido mais bonita se procurasse mostrar-se menos. Vestida com mais brilho que elegancia, era objecto dos pressurosos cuidados d'um velho.

Mas, sem parecer muito reconhecida pelas infinitas atenções que lhe prodigalisava, lançava olhares languidos para todos os lados, e o capitão do *Parisiense*, um bello rapaz, exclusivamente occupado com o resto da manobra, não estava mais abrigado do que eu, nem eu do que o pobre abba de.

Aquella mulher desagradava-me soberanamente. Ainda que os latidos do coração que trazia ao collo não me houvessem já excitado os nervos, extasiava-se perante a belleza dos logares que atravessavamos, com tal exaggeração pretenciosa que, expressando-a em voz alta, parecia provocar toda a gente a ouvi-la e responder-lhe.

Como era a unica mulher que ia a bordo, teria talvez sido conveniente que a menina de Gavre se aproximasse d'ella; esta porem não o diligenciava, e agradecei-lh'o.

Sorrindo ás exclamações da tal senhora, não pude deixar, apesar da incommoda visinhança que devia distrahir-me, de fitar os meus olhares no panorama que se desenrolava em redor de nós e cujos horisontes mudavam a cada instante.

O Aulne corre sempre entre duas collinas cobertas de arvores que, descendo das alturas em tufos verdejantes, vem mergulhar os seus troncos e ramos inclinados nas ondas adormecidas entre os canhões da margem. Estas vagas de folhagem são interrompidas unicamente por algumas casinhas que se veem menos do que se advinham, pela ligeira espiral de fumo com que se coroam os seus tectos de colmo.

Este espectáculo era suave e tranquillo; sentia-me feliz no seio d'aquella natureza tão serena. Quereria estar só, ou pelo menos não me sentir em contacto com o entusiasmo affectado que se expandia junto de nós.

Baixava os olhos; a menina de Gavre estava a alguns passos de mim, encostada á amurada, só e olhando sem dizer nada e na apparencia sem ouvir.

TRADUÇÃO

(Continúa).

Cumulos

Dos amphibios — Ser Camello Lampreia

Da estupidéz — Não saber ás quantas anda

Ir verificar o consumo da agua n'um contador do Tribunal de Contas

Aquecer-se ao sol sustentido

Metter um americano n'um electrico

ARTE

DE

TEATRO

Epoca de Carnaval — *Meu marido que Deus haja* — *Os marmellos da Condeça* — *Triplepatte* — *O menino Ambrosio* — *Salão do Tesouro Velho*.

Felizmente para todos os que amam a arte dramatica, a epoca carnavalesca já passou com o seu cortejo ignobil de farças e farçantes. Em teatro tambem se entredou immenso. Artistas e publico empulharam-se mutuamente como consentidos e consentidores. Tanto a interpretação como as peças representadas foram unanimes em atestar que o Carnaval este anno subiu da rua ao proscenio, do proscenio aos camarotes numa cumplicidade insatisfeita.

Passemos ao de leve sobre as peças exibidas em primeira representação; algumas dellas adre preparadas para espectaculos entredescos.

Silvestre Alegria, 1.º premio de baixa comedia do Conservatorio, rapaz de incontestaveis recursos comicos, cuja graça artistica consegue desbancar alguns *graciosos* do Gymnasio, deu-nos na noite da sua festa (26 de fevereiro) a primeira representação dum novo original do sr. André Brun: *Meu marido que Deus haja*. É um acto banalissimo. Nem ao menos graça tem. O sr. André Brun não estava certamente nos seus momentos de bom humor ao esboçar tal comedia. Lamentámos o fiasco. Oxalá se não repita.

Alegria fez quanto possivel para insuflar vida á mal desenhada personagem. Apesar do seu valor natural nem mesmo assim conseguiu salva-la. Palmira Ferreira foi feliz na creada. Ficam-lhe bem taes papeis.

O mesmo teatro, na noite de 29 do mesmo mês, deu-nos outro acto original do sr. Mello e Almeida *Os marmellos da Condeça*. Ainda é peor do que o do sr. André Brun. Só um espirito acreançado poderá escrever coisas eguaes. Adeante.

D. Maria, parece ter entrado em sorte com a peça franceza, *Triplepatte*, 5 actos de Tristan Bernard e André Godfernaux, traduzida por D. Adelaide Pinto.

Triplepatte é toda a psicologia dum neurasthenico. Tipo magistralmente creado e scientificamente teatralizado. *Triplepatte* é a base da peça; a unica figura verdadeira. Todas as outras que o rodeiam são episodicas, accidentaes, vivendo das indecisões e tibiezas de caracter do protagonista.

Triplepatte é a alcunha do «Visconde de Houdan», producto natural d'uma sociedade em que as mãos bem enluvasdas accusam odios ao mais pequeno emprego de tempo. *Triplepatte* vive porque os outros o consentem. Ama porque as mulheres lhe proporcionam esse goso. Casa porque uma casamenteira-amadora lhe arranja noiva. Em summa existe porque... elle não sabe bem porquê; porque se não houvesse *Triplepatte*, os seus amigos inventa-la-iam.

A peça é interessantissima como modelo de graça finissima. Se alguma phrase é mais núsinha de pudor é porque não ha outro vocabulo mais polido que diga a situação.

O desempenho é impecavel por parte de Ferreira da Silva, que marca como artista que é, o hesitante Visconde. Todos os outros artistas consoante os seus papeis, sendo de justiça especialisar, Maria Pia, Ignacio, Araujo Pereira, Palmira Torres e João Lopes, numa rabula. Encenação bem combinada. Traducção deficiente.

D. Amelia, salientou-se nos espectaculos

carnavalescos, com a representação da comedia em 3 actos, *O Menino Ambrosio*, adaptada á scena portugueza pelo sr. André Brun (28 de Fevereiro).

A adaptação é feliz. Pena é que o sr. Brun não evitasse certos ditos que primam por pouco honestos. Poderia te-lo feito porque tem graça quando quer...

O Menino Ambrosio é uma amalgama de scenas em que por vezes o inverosimil tem honras de exhibição. Mas emfim, que fazer? É Carnaval.

O desempenho graciosissimo por parte de Angela Pinto, a quem nada custou fazer a «Pimpinella» pois a *Lagartixa* é muito mais difficil. José Ricardo, Henrique Alves, Izaura Ferreira, Herminia Adelaide e Chaby á vontade nas suas personagens irrisorias e por isso mesmo facéis de caricaturar.

Logo na noite seguinte a empreza robusteceu o cartaz folião com uma revista cinematografica original de André Brun, com musica de Thomaz de Lima: *Salão do Tesouro Velho*.

Tem espirito e leveza O sr. Brun provou mais uma vez ter qualidades de comediografo ligeiro.

O desempenho á altura do valor da producção.

No proximo numero publicaremos uma critica desenvolvida sobre a reaparição do actor Alvaro no Teatro do Principe Real, e sobre a peça de Victor Hugo: *Nossa Senhora de Paris*.

MARIO LAGE.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Elvira M. F.

A astralidade da amavel consulente está subordinada á Lua: lembre-se pois minha sr.ª que todas as coisas da terra são como o nosso encantador satélite, isto é variam de minuto a minuto.

Não admira pois que D. Elvira seja caprichosa, vária, presunçosa, distraida e principalmente vaidosa. Sei que é inteligente, religiosa sem fanatismo, honestissima e capaz dos maiores sacrificios, da maior dedicação para suavisar o sofrimento alheio! Ah! que se a estimavel D. Elvira quizesse domar os defeitosinhos que acima apontei e, transformando-os nas virtudes contrarias, juntal-os ás ultimas qualidades enumeradas... que feliz decorreria a sua existencia! Experimente; faça da sua parte que Deus a ajudará!

Não sei se casará, mas se tal acontecer e não tiver filhos morrerá velhissima!

Seu marido, para ser feliz consigo, necessita armar-se de paciencia e comprar um grande fardo de concessões.

As sr.ªs das suas relações não de, em geral, querer-lhe mal, visto como a D. Elvira terá sempre frases amargas quando a ellas se referir.

É fragil a sua saude. Tem nervos facilmente excitaveis. Deve ser uma historica mansa, sem ataques.

Gastará muito dinheiro em artigos de *toilette* e especialmente em joias.

Consulente: — João A. S.

Se julga encontrar a felicidade em casa, engana-se: só fóra dela será ditoso.

Em quanto joven não possuirá bens de fortuna.

Tem o defeito de se não importar absolutamente nada com os bons conselhos que lhe dão; é verdade que tem o bom senso de não dar ouvidos aos maus... *Ella por ella!*

Só gostará de mantêr relações com pessoas honestas e de boa sociedade, mas como tem o defeito de dizêr tudo o que sabe e de não guardar segredo, as suas palavras indiscretas algumas vezes lhe promoverão desgostos.

É ousado e algo presunçoso!

Tem predileção especial pelo dinheiro e pelas damas!

Será pai de filhos!

Desconfiado em extremo, pensará que todos o enganam.

É de genio colerico mas facilmente aplacavel!

Pessoas (homens) que de perto lhe tocam não de trail-o!

Inimigos terríveis o perseguirão!

Em quanto novo os fados lhe serão adversos.

Na força da juventude haverá uma violenta mudança na sua posição social!

Seus pais não lhe deixarão grossos cabedaeis.

Casará duas vezes!

G. C.



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA.

Semana Alegre

N'um baile;
— V.ª Ex.ª concede-me a honra d'esta valsa
— Não posso, cavalheiro.
— Está já comprometida?
— Estou aleijada. O senhor fez-me uns patos tão apertados!

POSTA RESTANTE

J. J. Lourenço. — Estão errados.

D. Rosa — Coimbra — Idem

João S. — Para o feiticeiro pode escrever em portuguez e... mesmo quando fizer poesia para nos mandar. Veja se pode em primeiro logar saber o que é verso...

?



**QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?**

**O CONCURSO DA 2.ª SERIE
Premio-UM TINTEIRO DE PRATA**

Condições do Concurso

1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 2.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.

2.ª—Enviar-nos, no intervalo de dois numeros a folha da secção *Qual é a coisa qual é ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.

As decifrações podem ser enviadas pelo correio citando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

DOIS NOVOS PREMIOS

Em virtude do grande numero de decifradores resolvemos conceder como premios alem do **Tinteiro de prata, as duas 1.ª Series do «Azulejos-encadernadas em percalina e uma assignatura gratis da 3.ª Serie**, que serão entregues aos dois decifradores que ficarem classificados em 2.º e 3.º logares.

Decifrações

Do numero 22

Reboque—Carmelina—Encanto, encanta—Serena, Sena—Ama—Ira, ibira—Mona, mofina—Motta, moquettea—Moca, moqueca—Animal, lamina—Situado—Como vires o faval, assim espera pelo al—Feio—Halo.

Do numero 23

Kaniamalango — Angelolatria — Anda-assu — Caracol — Massa, assam — Aroma, amora — Albertina — Pera, era — Carrasca, carrascão — Corrijola — Algida, Alda — Desastres — O exemplo convence mais do que a palavra — Vida sem amigo, morte sem castigo — Ichor — Alkali.

Do numero 24.

Caracara — Taramella — Regiro — Mioto — Calino — Chavegas, chagas — Vieiro, Vieira — Camomilha, camilha — Palato, pato — Baia, baião — Morna, morfina — Recita — Noventa — Caraminhola — Quem casa por amores, mãos dias, noites peores — A pae avaro filho prodigo — Icica — Idolo.

Logogriphos

Rapido

Pardo
1, 2, 3

Vulgacho

Adverbio
4, 5

PINGOLINHAS

Charadas

Pode ser feia ou bonita,
Ser maior ou mais pequena,
Mais redonda ou mais comprida,
Mais rosada ou mais morena.-2

Pode ser insecto alado
Ou ser um peixe do mar;
Como peixe não é grande,
Como insecto... regular.-2

Não é nada complicado,
Custa pouco a adivinhar,
E' só buscar com geitinho
Um certo peixe do mar.

J. L. P. F.

Novissimas

No navio, no navio, no navio, existe este aparelho-1-1-2.

TIRA MITRAS & C.ª

Nos dias santos o apelido é uma rêde-1-2.

SADO

Prendo a minha atenção na parede do casinhoto, aonde uma aranha faz a sua teia tricolor-2-1-1.

TIMIDO

Com este osso e esta medida faço este aparelho-3-2.

REI DOS DOIDOS

Ha esta bebida nas aves d'esta terra-1-1.

PUMPUM

No navio é lindo este apelido-1-2.

LONGIM GYSNE

Biforme (2 soluções)

O peregrino da arvore-3.

LITRAS

Electrica

Com a planta fiz um tumor-2.

APOLLO

Augmentativa

O pedaço de panno serve de rêde-2.

AÇNAREPSE

Metamorphose

A doçura está no corpo-1 (M. F.).

CHAMPION

Enigmatica

Prima parte da charada—2
E' da segunda a defeza;—2
No todo verão formada
Uma planta, com certeza.

BAILIO

Pergunta enigmatica

Digam-me já charadistas
(Se possuem algum talento)
Qual o nome da cidade
Que tambem é instrumento.

GINGINHA

Por iniciaes

F Q T O D N V
4 2 I I 3 I 2

J. P.

A S E Q T
2 I 4 I 3

J. P.

De palitos



Tirando 13 palitos fica uma ave.

J. P.



Tirando 11 palitos fica aspero.

J. P.

Artigo a decifrar, 18.

PROPRIEDADE de "AZULEJOS"

Coquette

Ao meu amigo Dr Anacleto d'Oliveira.

Polca

J. Neuparth

PIANO

Polca

Musical notation for the first system of 'Coquette', featuring piano accompaniment with dynamics *p* and *mf*.

Musical notation for the second system of 'Coquette', featuring piano accompaniment with dynamic *mf*.

Musical notation for the third system of 'Coquette', featuring piano accompaniment with dynamics *p* and *mf*.

Musical notation for the fourth system of 'Coquette', featuring piano accompaniment with dynamic *p*.

Musical notation for the fifth system of 'Coquette', featuring piano accompaniment with dynamic *mf*.

Musical notation for the sixth system of 'Coquette', featuring piano accompaniment with dynamic *p* and ending with *Fim*.

Musical notation for the seventh system of 'Coquette', featuring a *Trio* section with dynamics *f* and *mf*.

Musical notation for the eighth system of 'Coquette', featuring piano accompaniment with dynamic *al. sc.*

NO PROXIMO NUMERO:

DEOLINDA — Valsa para piano